

## **Escola Indígena Pataxó da Jaqueira em Porto Seguro BA: uma análise da organização estrutural e sua influência na aprendizagem.**

*Pataxó Indigenous School of Jaqueira in Porto Seguro BA: an analysis of the structural organization and its influence on learning*

**Janete Neves Almeida<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo tratará breve relato acerca da educação indígena no Brasil, sua trajetória dando ênfase ao processo de lutas que os indígenas tiveram no decorrer dos tempos e ainda buscam garantir o direito a uma educação específica, diferenciada e intercultural garantida pela legislação vigente no Brasil, expondo as diferença entre educação indígena e educação escolar indígena, a organização estrutural da escola e a sua influência na aprendizagem dos discentes que são inseridos na escola indígena da Reserva da jaqueira localizada no município de Porto seguro- Bahia- Brasil. Sabe-se que quando se pensa em uma educação escolar voltada para a área indígenas faz-se necessário analisar também sua organização curricular e pedagógica seja formada de diferentes maneiras onde a mesma possa responder as necessidades e os anseios de cada povo, e essa mesma diferença deva ser alicerçada de forma que todos pensem em uma educação organizada, de boa qualidade e voltada para a vitalização e o resgate da cultura, pois sabe-se que nas últimas décadas surge no Brasil inúmeras iniciativas de políticas públicas voltada para a causa indígena, pois o goveno vem adotando medidas que promovem a equidade e a inclusão desses povos.

**Palavras-chave:** Educação indígena; diferenciada; organização; estrutura.

**Abstract:** This article will provide a brief account of indigenous education in Brazil, its trajectory emphasizing the struggles that indigenous people have had in the course of time and also seek to guarantee the right to a specific, differentiated and intercultural education guaranteed by the legislation in force in Brazil, exposing The difference between indigenous education and indigenous school education, the structural organization of the school and its influence on the learning of the students that are inserted in the indigenous school of the Jaqueira Reserve located in the municipality of Porto Seguro-Bahia-Brazil. It is known that

---

<sup>1</sup> Universidad Autónoma de Asunción – Paraguay. Magister en Ciencias de la Educación. E-mail: araujo.z@hotmail.com

*when thinking about a school education focused on the indigenous area it is necessary to analyze also its curricular and pedagogical organization is formed in different ways where it can respond to the needs and the desires of each people, and that same difference Should be founded so that everyone thinks of an organized education, of good quality and focused on the vitalization and the rescue of the culture, since it is known that in the last decades there are innumerable public policy initiatives in Brazil focused on the indigenous cause, since The goveno has been adopting measures that promote the equity and inclusion of these peoples.*

**Keywords:** *Indigenous education; Differentiated; organization; structure.*

## INTRODUÇÃO

Nesse texto faz-se uma reflexão sobre a Educação Escolar Indígena no Brasil. Pensar em educação indígena é buscar entender as dificuldades de cada indivíduo ou grupo ao qual esse mesmo indivíduo pertença.

Em se falando da escola indígena houve a necessidade de buscar o entendimento da sua organização e estrutura sendo o grande interesse por esse estudo que vai além da observação da teoria e práticas dos conteúdos absorvidos pelos professores nas capacitações que participam no município de Porto Seguro e atuam na Escola indígena da Jaqueira. Sabe-se que o papel da escola é formar e informar cidadãos conscientes com deveres e direitos iguais para uma sociedade justa, logo o fazer pedagógico facilita a construção do conhecimento.

Dessa forma, justifica-se que essa pesquisa é de relevância acadêmica tendo em vista constituir-se em uma proposta voltada para a busca em descrever a estrutura organizacional do espaço construído para implantação da escola indígena e que esse mesmo espaço influencia no processo de aprendizagem uma vez que a escola está situada na Reserva da Jaqueira, município de Porto Seguro- Bahia, lugar considerado por eles (indígenas) sagrado onde se busca resgatar a cultura, as raízes.

Quando falamos de organização estrutural e sua relação com aprendizagem da Educação Indígena, entendemos que a escola de forma geral, dispõe de dois tipos de estrutura, sendo uma pedagógica e a outra administrativa. Na estrutura administrativa assegura-se a gestão de recursos humanos, financeiro, físico e todo os elementos como arquitetura escolar e a maneira como se apresentam do ponto de vista de sua imagem que vai desde os materiais didáticos, imobiliário e a distribuição das suas dependências, espaços livres, saneamento básico, etc. Acredita-se que a escola atinja seus objetivos de forma

eficiente e eficaz, bem como suas interações políticas, as questões de ensino e aprendizagem, currículo e todos os setores necessários ao desenvolvimento do trabalho pedagógico, assim, analisar a estrutura organizacional de uma escola indígena é visar identificar quais estruturas são valorizadas e por quem, verificando as relações funcionais entre elas, pois é sabido que a escola é uma organização orientada por finalidades, controlada e norteadas pelas questões do poder.

### **Histórico das políticas de educação indígena no Brasil**

Fazendo uma retrospectiva, a educação escolar indígena foi responsável pelos primeiros passos da escola pública no Brasil. Por volta de 1549 chega a primeira missão jesuítica enviada de Portugal por D. João III, composta por missionários da Companhia de Jesus e chefiada pelo Padre Manuel da Nóbrega, que vinha com a missão de converter os nativos a fé cristã. No processo de catequização, os missionários jesuítas procuraram se aproximar dos indígenas, para conquistar sua confiança e aprender suas línguas. Esses primeiros contatos entre jesuítas e índios ocorreram num clima de hostilidade e as vezes amistosa também. Segundo Leonardi (1996, p.54), quando o índio se recusava a trabalhar ou se revoltava, opondo resistência ao processo de escravização (completa ou parcial), ele era duramente perseguido e reprimido. Ressaltando que aqueles que ofereciam resistência eram vistos como selvagens e embrutecidos, precisando ser pacificados. Fazendo uma ideia da relação entre índios e missionário, Ribeiro( 1977, p.127) nos relata que:

Aos poucos foram se definindo dois ambientes distintos onde os jesuítas ensinavam: as chamadas casas - para a doutrina dos índios não batizados - e os colégios, que abrigavam meninos portugueses, mestiços e índios batizados. Nos colégios a educação tinha um caráter mais abrangente e estava voltada para a formação de pregadores que ajudariam os jesuítas na conversão de outros índios.

Os jesuítas foram expulsos do Brasil e os aldeamentos elevados à categoria de vilas, sendo criado o regime de Diretório, representado por um diretor nomeado pelo governador. O Diretório dos Índios foi revogado e nada o substituiu oficialmente até 1845, quando o Decreto 426, de 24 de julho, definiu o Regulamento das Missões. Essa norma trata das diretrizes gerais para a reintrodução de missionários no Brasil que voltaram a se

responsabilizar pela catequese e civilização dos indígenas. Diante de algumas dificuldades em manter índios nas escolas dos aldeamentos, Amoroso (2001, p.138) nos afirma que:

“a presença de não-índios nos aldeamentos do século XIX fez com que, na maioria das vezes, a escola e outras instituições de apoio às populações indígenas aldeadas acabassem atendendo aos não-índios, usando para isso a verba destinada à catequese dos índios.”

Até o início do século XX o indigenismo brasileiro viveu uma fase de total identificação com a missão católica e o Estado dividiu com as ordens religiosas católicas a responsabilidade pela educação formal para os índios. São criados órgãos governamentais que vem com a função de dar assistência aos indígenas e proteção contra atos de exploração e opressão, promover as relações entre indígenas e não indígenas bem como os demais órgãos do governo que em 1910 é criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) extinto em 1967 mas as suas atribuições foram repassadas para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A educação escolar indígena fica sob a responsabilidade dos órgãos indigenistas que assume um papel fundamental no projeto republicano de integração do índio à sociedade. por meio do trabalho. Partido desse pressuposto Bergamaschi (2012, p.) nos leva a uma breve reflexão afirmando que:

Precisamos valorizar os saberes e fazeres indígenas acumulados ao longo de centenas de gerações de convívio e adaptação às diversas paisagens da Américado Sul, reconhecer que podemos aprender com eles inúmeras lições: no respeito cosmológico para com o mundo e para com os seres (etéreos,minerais,vegetais,animais) que o habitam, no uso consciente de estratégias sustentáveis, no conhecimento dos recursos e propriedades naturais necessários à saúde e à alegria dos seres humanos, na capacidade de regar o volume de exploração coletiva do ambiente, na utilização contínua de estratégias de distribuição e consumo comunal dos recursos obtidos, na capacidade de manter uma índole alegre, jocosa e festiva, apesar das grandes dificuldades que enfrentam no Brasil atual.

A FUNAI acompanha e monitora os processos educativos realizados junto aos povos indígenas. Nesta perspectiva, o monitoramento ocorre sobre uma ação formulada e discutida

pelos educadores indígenas e comunidades, com assessoria de educadores indigenistas e técnicos da FUNAI.

No Ensino Fundamental a FUNAI tem como desafio atuar com prioridade, levar informações e monitorar a qualidade da educação escolar realizada nas aldeias. Duas naturezas envolve as demandas do ensino médio indígena que são a formação geral que prepara o aluno para o curso superior e o Ensino Médio Técnico, sendo que a formação técnica é de grande importância no sentido de contribuir para grandes alternativas de sustentabilidade das comunidades indígenas, é o caso da Reserva da Jaqueira, mas o ingresso de estudantes no ensino médio devido a falta de escolas nas aldeias, dificuldades de deslocamento para as zonas urbanas e também de adaptação dos estudantes índios nas escolas urbanas chamadas de escola dos brancos.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais -INEP é responsável pela realização de Censo Escolar Indígena específico e a FUNAI apoia os processos e as discussões dos indígenas sobre os cursos e sobre as adequações necessárias que respondam as demandas das comunidades supracitadas articulando junto ao Ministério da Educação e cultura (MEC) e Instituições de ensino a inclusão de novos cursos, podendo ainda organizar locais para a demanda desses cursos. Existe parcerias da Funai com os Institutos Federais nos quais tem se constituído com os indígenas o conteúdo dos cursos voltados para a solução de suas questões do dia a dia como a questão ambiental, a saúde, agroflorestal, agroecologia, enfim fazendo uma roda de diálogos buscando conhecimentos indígenas e não indígenas que na verdade entendemos como uma troca de ideias e experiências dentro da dinâmica da pedagogia da Alternância respeitando o calendário próprio das festas, do plantio, das colheitas além de associar os processos de ensino e aprendizagem que articulam pesquisas, conhecimentos práticos buscando assim, a construção de diálogos baseados na interculturalidade.

Com relação ao Ensino Superior existe a demanda de estudantes indígenas para o acesso e permanência uma vez que no campo da formação profissional está ligado aos interesses comunitários onde foi instituído pelo MEC o PROLIND que é um programa de apoio a formação superior de professores indígenas por meio de cursos na área de Licenciaturas Interculturais oferecidas em instituições Federais e Estaduais que tem como objetivo principal formar professores para atuarem como docentes no ensino médio e nos anos finais do ensino fundamental nas escolas indígenas.

Ferreira(1992) nos propõe uma divisão em relação a história da educação indígena no Brasil em quatro fases: A primeira fase se refere como período colonial onde a escolarização dos indígenas se deu com os missionários( já relatado anteriormente) da igreja católica representados pelos jesuitas. A segunda fase é a criação do SPI que daí se estende a política de ensino mas extindo dando lugar a FUNAI que vem com sua articulação com o Summer Institute of Linguistics (SIL) e várias outras missões religiosas. A terceira fase é definida pelo surgimento das organizações indigenistas não governamentais, a atuação de diversos setores de universidades juntos ao povos indígenas surgindo assim a formação de movimentos indígenas organizados. A quarta fase se caracteriza pelas iniciativas dos próprios índios que visam definir e organizar seus processos de educação escolar.

Quando temos uma visão ampla da educação indígena no Brasil faz-se necessário levarmos em conta que o processo de reconhecimento da pluralidade cultural e étnica no nosso país que só aconteceu somente a partir da Constituição de 1988 onde a mesma reconhece os direitos coletivos e individuais das comunidades indígenas, bem como garantidos os direitos a organização própria, manterem o uso de suas linguas maternas, os processos próprios de aprendizagem, tradições e costumes, além das demarcações das terras onde possam se manterem em todos os aspectos.

As políticas públicas surgiram a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 propiciando diversos avanços na construção de uma Educação Escolar Indígena diferenciada, específica, bilíngue e intercultural. Isso pode ser verificado se tomamos como base a criação de um quadro jurídico que possibilita garantir o desenvolvimento de ações diferenciadas, tais como as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (1993); a Lei de Diretrizes e Bases(LDB) de nº 9.394/1996 (artigos 32, 78 e 79); os Referenciais Curriculares Nacionais para as Escolas Indígenas (1998); o Parecer 14/1999 e a Resolução nº 03/1999; o Plano Nacional de Educação, lei nº 10.172/2001 (capítulo 09); os Referenciais para a Formação de Professores Indígenas, 2002; o Decreto nº 6.861 de 27 de maio de 2009, o qual dispõe sobre a Educação Escolar Indígena e define a sua organização em territórios etnoeducacionais.

Vale ressaltar que o RCNE/ indígena foi elaborado pelo comitê de educação escolar indígena formado por educadores, antropólogos, pesquisadores, Ministério da Educação e com a participação de lideranças e professores indígenas de diferentes povos em . É um documento de consulta direcionado a professores indígenas, pesquisadores, técnicos do sistema de ensino e assessores que elaboram atividades para as escolas indígenas de todo

Brasil. O seu conteúdo nos traz informações sobre a base legal e a história da educação escolar indígena no Brasil, além das orientações curriculares para o trabalho nas séries iniciais do ensino fundamental. Esse documento traz também experiências de práticas pedagógicas que foram aplicadas em muitas escolas indígenas que podem ser reescrita para diversas especificidade. O referencial é um documento que foi elaborado com uma proposta para formação e não de normatização, sendo assim proporcional para o discurso da especificidade de cada povo e de cada escola, e com uma importância no processo de construção coletiva do Projeto Pedagógico junto com a comunidade na qual q escola está inserida. Para Silveira(2012 p. 44) o RCNE/ Indígena é o resultado de discussões coletivas dos cursos de formação de professores indígenas e de encontros com organizações professores índios realizados em algumas aldeias brasileiras. Esse documento em sua segunda parte trata das orientações pedagógicas para a organização da grade curricular, trazendo discussões sobre a construção do currículo para educadores.

Silveira(2012, p. 46) em relação a essas orientações pedagógica diz que:

Aspectos que vão desde o resgate dos temas transversais na escola indígenas até a importância de registros escritos das experiências pedagógicas trazem à tona preocupação com a documentação dessa histórica construção curricular que é diferenciada e que pode definitivamente marcar a identidade e a especificidade das muitas escolas indígenas brasileiras.

Nas orientações pedagógicas curriculares destaca-se a o estudo das linguas nas escolas. É um capítulo que o RCNE/ Indígena tem como objetivo apresentar elementos para que professores indígenas possam discutir e realizar um trabalho pedagógico sólido, consistente sobre as linguas nos currículos. As várias linguas existentes ou seja, a diversidade linguística desses povos segundo Silveira (2012 p.47) surge como uma ferramenta pedagógica capaz de avaliar e reavaliar o modo de como esses povos vivem e como mecanismo de manutenção de sua cultura das comunidades em parceria com as escolas.

Assim conclui-se que os povos indigenas desejam manter seus conhecimentos, sua identidade, crenças e valores sem negar uma relação intercultural. Ainda sobre a educação indígena Werwering,(2012, p. 147) diz que a conquista de direitos a educação dos povo indígenas no Brasil passou por muitas lutas sustentadas por diferentes lideranças das comunidades nativas até despontar de lei constitucional que realmente implementou os

direitos indígenas, entre eles, os direitos a uma educação diferenciada. No campo das políticas educacionais houve vários avanços em relação a diversidade intercultural, valorização da ecologia numa dimensão de território, ao cuidado com a terra, nascente, fauna, flora e o universo do sagrado interligado a rituais, mitos, danças, músicas, artes e cosmologia.

### **A Escola Indígena da Jaqueira**

Para falarmos da Escola Indígena Pataxó da Jaqueira faz-se necessário relatar algumas características naturais da Reserva que é considerado pelos indígenas como um lugar sagrado. Fundada com o objetivo de utilizar a área como um espaço de promoção e resgate das práticas da cultura pataxó, e logo foi percebido pelos indígenas que residem na reserva que aquele espaço tinha um grande potencial para ser implantado o ecoturismo e com a permissão do cacique das Terras da Coroa Vermelha começou assim a desenvolver as atividades voltadas para atender os turistas que ali visitava a Reserva. Segundo os próprios indígenas que vivem na Reserva, a exploração turística naquele local começou em 1989 com estudantes de escolas. No ano seguinte foi criada a Associação Comunitária (ASPECTUR) sem fins lucrativos que tem como finalidade organizar a exploração turística e captar recursos para o desenvolvimento das atividades.

Segundo Nitinawã (idealizadoras da Reserva e da ASPECTUR) a ideia de fazer a exploração do ecoturismo na Reserva foi motivada pelo desejo de fortalecer a identidade cultural da nação Pataxó por meio de iniciativas dos próprios indígenas desenvolvidas naquele local e que a valorização e a conservação tivesse uma influência positiva e significativa para todos que ali mora ou visita. Trabalham na Reserva mais de 90 pessoas entre crianças, jovens e adultos sendo que algumas famílias residem no local e os demais moram na reserva urbana em Coroa Vermelha que é chamada de Gleba A e a reserva da Jaqueira está localizada na Gleba B.

Porque Reserva da Jaqueira? Na entrada da Reserva encontramos uma grande Jaqueira, e entre os Kijemes existe uma outra que foi derrubada pelo vento e logo surgiu brotos que para os indígenas é uma resistência ao tempo assim como a nação Pataxó.

Para falar da Escola Indígena da Jaqueira tenho que relatar que a minha relação com os indígenas da reserva aconteceu no ano de dois mil e onze quando estava colhendo dados sobre a demarcação das terras indígenas da Coroa Vermelha para construir minha Monografia onde



fui através de um amigo em comum apresentada a Nitinawã ( fundadora da Reserva) que com muita atenção e hospitalidade passou informações riquíssimas acerca da Reserva e sobre a Escola Indígena. Segundo Nitinawã, para termos acesso as informações acerca da escola era necessário pedir permissão ao cacique Siratã que mora na reserva. Foi feito todo processo de pedido e aceitação para que fosse feito a pesquisa, assim se tornou possível o acesso à aquele local uma vez que já existia uma relação de parceria com a comunidade indígena da Reserva da jaqueira. Visitei a Reserva algumas vezes após a construção da monografia e agora retorno para fazer uma pesquisa acerca da escola inserida naquela localidade.

### **O papel da escola**

A língua patxôhã é ensinada nas escolas indígenas das aldeias com professores específicos da língua, os quais dominam e produzem seus próprios materiais didáticos. A música em patxôhã também é ensinada nas escolas indígenas onde tem um papel fundamental no processo. Partindo desse pressuposto entende-se a importância da língua como um resgate e fortalecimento da cultura Pataxó presente em cada grupo assim representado.

A proposta para a Escola Indígena da jaqueira é uma escola indígena específica, diferenciada, intercultural e bilíngue, com um currículo e calendário específico próprio, materiais didáticos próprios num processo de afirmação, promoção e fortalecimento das línguas e cultura indígenas, e essa mesma proposta estende para um o ensino ministrado por professores indígenas, onde os anseios da comunidade são articulados juntamente com todos que fazem parte da etnia daquele local, assim seus projetos de sustentabilidade e territorial são respeitados integrando a cultura, tradições, sabres, a língua, e a memória, e conforme( Kanatyó Pataxó, 2004 p.72), essa nova proposta metodológica transdisciplinar aponta um conhecimento em relação aos movimentos dos ciclos da natureza numa perspectiva de um pé no chão da aldeia e outro no chão do mundo, conhecendo as outras ciências, dialogando com os dois conhecimentos.

### **O resgate da cultura e o currículo**

De acordo com a direção, na escola estudam crianças da Educação Infantil ao quinto ano do ensino fundamental I alunos da EJA(Educação de jovens e Adultos) Para ingressar no Ensino Fundamental II e Ensino Médio esses alunos vão para as escolas indígenas em outro

município. A escola Indígena da Jaqueira é formada por professores, alunos, pessoal de apoio e organizadores da Reserva que juntos à comunidade local buscam fazer um trabalho onde a peça fundamental é o aluno indígena que busca a construção da sua identidade como Índio Pataxó e sua relação com a sociedade indígena e não indígena.

Pensamos na escola como um espaço que forma sujeitos conscientes do seu papel e dos seus direitos na sociedade enquanto grupo diferenciado, em uma escola diferenciada e é através da chamada escolarização que a comunidade indígena da Jaqueira tem acesso aos códigos da sociedade dominante, assim os mesmos constituem sua aprendizagem.

Entendemos que ao falar sobre currículo escolar, sobretudo relacionando-o a comunidades indígenas, é abordar de forma eficaz todo o conjunto de especificidades sobre as quais a instituição de ensino, no papel de órgão formador, tem por obrigação social discutir e buscar por meio de ações concretas a conscientização dos indivíduos que a frequentam, visando o desenvolvimento crítico dos cidadãos, em especial, no que se refere ao respeito e às diferenças. Para que isso ocorra faz-se necessário que a escola garanta aos indivíduos que a frequenta uma visão mais ampla sobre sua organização social, sobre a diversidade da cultura, suas crenças e costumes, permitindo a comunidade que frequenta uma relação harmoniosa superando preconceitos existentes desde sempre. Camargo e Albuquerque(2003, p. 361) afirmam que” para garantir uma escola inovadora aos desafios históricos, o conjunto das diversidades deve ser contemplado e incorporado na organização e nas práticas escolares, por intermédio de projetos político-pedagógicos, construídos com vontade política, competência e compromisso dos sujeitos envolvidos”. A inserção do currículo no PPP da escola indígena da Jaqueira foi algo para várias discussões uma vez que professores e comunidade caminharam para um diálogo, pois o Projeto Político Pedagógico da referida escola foi construído com a participação de todos.

A participação da comunidade nas decisões e no processo de construção curricular é de fundamental importância nas escolas indígenas, porque as expectativas da comunidade devem fazer parte dos objetivos e conteúdos escolares. Silveira(2012, p. 61) escreve sobre a importância dessa participação dizendo que:

Quando a escola não faz essa adaptação curricular, é possível obter depoimentos relatando que nas comunidades muitos adultos acreditam que os jovens que cursam o ensino médio não são capazes, pois não conseguem contribuir com as tarefas da comunidade e também, quando migram para as

idades, não conseguem ter uma vida digna, limitando-se aos subempregos ou ficando mesmo desempregado.

Dessa forma é visível a necessidade do ingresso desses jovens na escola dando-lhe oportunidade e condição para que os mesmos possam contribuir com sua comunidade de forma digna, porém só será possível se a educação for vista como um meio de desenvolvimento social e intelectual para todos que fazem parte do processo educativo, uma vez que muitos acham que esse papel é só do professor.

### **Organização estrutural**

A escola está localizada na Reserva da jaqueira que faz parte do Município de Porto Seguro Bahia com a modalidade de ensino Educação Infantil, Fundamental I e EJA (Educação de Jovens e Adultos). É uma escola pública e rural com funcionamento em prédio próprio, com a estrutura física própria, água retirada de cisterna, energia elétrica vem da rede pública, o esgoto sanitário por fossa e o destino do lixo é a queima. Os recursos financeiros são gerados pelo governo Federal através do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). A cozinha é bem estruturada para o local e os alimentos destinados para a merenda são armazenados em armários de madeira e são distribuídos pela da Secretária de educação de Porto Seguro. O dinheiro para a merenda escolar vem por meio da transferência de recursos financeiros para a Prefeitura Municipal de Porto Seguro através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que contribui para o crescimento, o desenvolvimento da aprendizagem, o rendimento escolar dos estudantes e a formação de hábitos alimentares saudáveis nas escolas. O recurso é passado por dia letivo e é repassado para as escolas indígenas via Prefeitura, R\$ 1,07 (Um real e sete centavos) por aluno. Os computadores existentes na escola foram doados pela Empresa Veracel Celulose que em 2009 em parceria com a Prefeitura Municipal de Porto Seguro e a FUNAI construíram o prédio que tem capacidade para atender 45 estudantes distribuídos em duas salas. Segundo Juari Pataxó (um dos idealizadores na formação da escola) diz que foram onze anos de luta e dificuldades, porque antes os alunos tinham que se deslocarem até a Reserva de Coroa Vermelha que fica a 25 km de distância. Os alunos estudavam embaixo de uma mangueira. A partir de primeiro de agosto de dois mil e nove os alunos da Educação infantil e Ensino Fundamental I são assistidos na Escola Indígena Pataxó da jaqueira em formato de kigeme (oca).

A pesquisa parte da análise do questionário semi-estruturado alicado aos alunos, professores indígenas que atuam na escola, coordenadora pedagógica indígena, um diretor que é responsável por todas as escolas do município de Porto Seguro, pessoas que trabalham na infraestrutura. O município de Porto Seguro conta com onze escolas indígenas, inseridas nas aldeias.

Sobre os professores (as), que atuam na escola da jaqueira, cinco tem Licenciatura Indígena, (curso oferecido com parceria entre Secretaria Estadual de Educação (Seduc), Instituto Federal da Bahia (IFBA) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os demais professores são graduandos em cursos específicos. A coleta de dados foi realizada durante alguns dias e a partir do questionário levantamos resultados importantes sobre o processo de seleção dos professores (as) indígenas, que é realizada dentro da própria etnia sendo a prefeitura responsável em fazer a seleção desses professores. A pessoa escolhida possui escolarização, porém fica encarregado o órgão responsável que é a Secretaria de Educação de Porto Seguro em preparar este futuro professor (a), através de capacitações e ingresso nas Instituições federais para cursarem licenciaturas específicas. O PPP está condizente com a realidade da escola pois o mesmo é capaz de nortear as atividades com propostas e metas apropriadas para as ações na escola e sobre a realidade na qual está inserida e em concordância com Padilha (2003, p. 1) que enfatiza a importância de se ter o projeto político pedagógico e a sua função:

Ao desenvolvê-lo, as pessoas ressignificam suas experiências, refletem suas práticas, resgatam, reafirmam e atualizam valores, explicitam seus sonhos e utopias, demonstram seus saberes, dão sentido aos seus projetos individuais e coletivos, reafirmam suas identidades, estabelecem novas relações de convivência e indicam um horizonte de novos caminhos, possibilidades e propostas de ação.

Padilha também faz nos refletir a importância de lutar para a construção desse projeto, pois, é através dele que se alcança mudanças significativas na autonomia e na mudança de paradigma e resgate da cultura. Constatamos que em relação a oralidade e a escrita alguns alunos tem dificuldade com a língua materna, (Patxôhã) principalmente os alunos do primeiro e do segundo ano que encontram-se em processo de alfabetização.

Sobre o apoio pedagógico na escola conforme respostas ao questionário, podemos afirmar que na visão dos professores (as) indígenas fica o preenchimento de diário, apoio na

construção de atividades, participação nas tomadas de decisões em relação a flexibilidade dos planejamentos, e a autonomia em relação aos conteúdos aplicados em sala depois que é realizado uma avaliação da aprendizagem do aluno. É significativo este apoio. Em relação à gestão escolar, os índios dizem estar satisfeitos com seu representante.

Fazendo uma discussão das respostas dos respondentes ao questionário proposto conclui-se que os mesmos veem o espaço escolar como um lugar que passe segurança para os alunos, onde todos estão envolvidos direto ou indiretamente com a proposta de uma educação indígena de qualidade e diferenciada, que implica uma perspectiva de autonomia. Fica evidente também que através das trajetórias de lutas desses povos, professores indígenas buscam na educação, nos encontros de formação a concretização dos seus projetos que buscam o fortalecimento e a revitalização da sua cultura nas aldeias. Com as lutas, vem a conquista para ampliar, reformar e construir mais escolas que venham contemplar a educação em todas as modalidades de ensino com profissionais indígenas capacitados para exercer seu papel de mediador do ensino e aprendizagem.

Nesta pesquisa procurei analisar como, ( a partir de observações, listagens, e identificações) a estrutura organizacional interfere na aprendizagem. Partindo desse pressuposto conclui-se que em um ambiente escolar forma-se personalidade, laços de amizade, sentimentos de solidariedade. A estrutura organizacional e física da Escola Indígena da Jaqueira envolve sentimento e é atrativa pois os alunos que frequentam aquele espaço sentem vontade de estar e desenvolver suas atividades e o pensamento crítico. Essa mesma estrutura influencia no desenvolvimento da capacidade do aluno que busca se integrar com outras pessoas, logo surge a necessidade de um espaço escolar que forneça essa interação sem fugir dos aspectos culturais e as características da comunidade na qual está inserida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É um texto de resultados preliminares onde se pode aferir alguns elementos referentes a educação indígena no Brasil, à organização estrutural da Escola Patxó da Jaqueira e sua influência na aprendizagem a partir das experiências observadas. Os dados apontam uma escola totalmente diferenciada em estrutura onde professores são capacitados para exercerem suas práticas pedagógicas geradoras de autonomia e emancipação ,pois constata-se dois indicadores importantes para a revitalização da cultura e a construção de uma escola diferenciada e específica. Os professores falam a língua mãe (Patxôhã) e moram na comunidade(Reserva) onde interagem com os códigos da escola mas sendo orientados pelos

códigos da cultura indígena na qual pertence. A pesquisa vem facilitar a compreensão do ponto de vista do objeto pesquisado, ou seja, saber como funciona sua estrutura organizacional e sua influência na aprendizagem, destacando as respostas da população envolvida percebe-se que tal estrutura aproxima o indivíduo na vivência da liberdade e igualdade, fazendo valer seus direitos e respeito no processo educacional. Entende-se que a Educação Indígena no Brasil foi conquistada com lutas dos povos indígenas, onde as escolas possuem normas próprias e diretrizes curriculares específicas voltadas para um ensino bilíngue e intercultural. A organização da escola tem a participação da comunidade e o projeto de futuro está relacionado com tudo que faz parte da vida de cada indivíduo, logo a escola Indígena Pataxó da Jaqueira tem como missão estruturar projetos que possibilite a sobrevivência e a existência daquele povo de forma que garanta a liberdade, dignidade e autonomia, onde o fortalecimento e a valorização da cultura, a língua, artes, ciências e tradições assegure que jovens crianças e adultos permaneçam na Reserva. No geral os povos indígenas vem buscando garantir a sustentabilidade de suas aldeias e a manutenção de suas culturas. É a partir dos questionamentos inquietações e reivindicações que esses povos estão inseridos nesse contexto, intensificando assim, a mudanças de paradigmas onde professores utilizam do diálogo como princípio na construção de uma educação indígena direcionada para que todas as escolas tragam um currículo intercultural voltado para a realidade de cada povo. Assim, professores indígenas centrados num desejo de colocar em prática o que aprendem nas capacitações e cursos específicos vão para as salas de aulas em suas aldeias e nos convida a refletir e pensar em uma educação que fortalece a diversidade cultural dos povos indígenas.

## REFERÊNCIAS

- Amoroso, M. e Ferreira, K. (2001) (org) A mudança de hábito: catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos. Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. 2. ed. São Paulo: Global.
- Bergamachi, M., Zen, D. e Xavier, F. (2012). Povos Indígenas e Educação. 2.ed.-Porto alegre.
- Bomfim, A. (2012) Patxohã, “Língua de guerreiro”: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo/print>. Acessado em 16/10/2016

- Brasil. (1996) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394, de 20 de dezembro. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acessado em 16/04/2015
- Brasil. (1990) Constituição 1988. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto por Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva. 168 p. (Série Legislação Brasileira)
- Camargo, D. & Albuquerque, J. (2003) Projeto pedagógico Xavante: tensões e rupturas na intensidade da construção curricular. Cadernos CEDES [online]. 2, vol.23, n.61, p. 338-366. ISSN 0101-3262. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n61/a06v2361.pdf> Acessado em 27/02/2017
- Florencio, L. & Werwering, S. (2012) Povos Indígenas da América Latina . Povo Akawê Xerente B.H-MG:Editora:Rona,2012
- Ferreira, M. & Silva, A. (2001) A educação escolar indígena: um diagnóstico crítico da situação no Brasil. Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. 2. ed. São Paulo: Global.
- Kanatyó, P. (2013) A Pedagogia da Lente do nosso olhar e as mãos da natureza. Povo Pataxó da aldeia Muã Mimatxi: Belo Horizonte : FAE/UFMG.
- Lopes, S. e Egrupioni, L. (1995). A Temática na Escola Indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Global, Brasília, MEC:MARI:UNESCO
- Ministério da Educação (1998) Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC.
- Padilha, R. (2003) Projeto político pedagógico. Revista Pátio, n° 25, fevereiro a abril.
- Ribeiro, D. (1977). Os Índios e a Civilização, 2a . edição. Petrópolis: Vozes